

# PARA ALÉM DA ETNOGRAFIA TRADICIONAL: POESIA E CINEMA ENQUANTO PRÁTICAS METODOLÓGICAS<sup>1</sup>

*Débora Arruda dos Santos, PPGA-UFS/Sergipe*  
*Layla Karoline Bomfim do Nascimento, DCS-UFS/Sergipe*

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar a poesia e o cinema enquanto possibilidades metodológicas para o fazer antropológico. Tendo em vista a encruzilhada entre duas pesquisas que partem do pressuposto de construir epistemologias contra-hegemônicas, discutiremos como os caminhos percorridos na fase do campo extrapolaram a etnografia tradicional, e por isso se constituíram enquanto reivindicação política e, também, enquanto espaços de contestação. A partir do campo teórico que se consolidou na Antropologia enquanto Estudos de Performance, trataremos sobre a colisão entre dois trabalhos e do percurso em comum percorrido ao construírem artesanalmente suas metodologias. O primeiro trabalho aborda a escrita enquanto uma ação descolonizadora, por meio de performances poéticas realizadas em saraus de rua e em Slans, em Aracaju, no ano de 2019, e a partir de uma experiência sensorial, o segundo trabalho retrata a 36ª edição do Festival de Artes de São Cristóvão. Traremos nossa trajetória a qual vai do uso da poesia em primeira pessoa à utilização do cinema na construção de narrativas antropológicas, evidenciando como essas linguagens, para além de suas dimensões artísticas, quando encaradas como ações políticas emancipadoras comportam um potencial gerador de rupturas e, conseqüentemente, criador de uma ciência que não segrega tampouco compreende as vivências como formas subjetivas de conhecimentos.

**Palavras-chave:** etnografia, metodologia, poesia, cinema.

## 1. INTRODUÇÃO

Tendo em vista os significados tradicionais atribuídos ao que podemos compreender enquanto metodologia, os quais foram absorvidos por nós a partir de uma compreensão ocidental e excludente a respeito do saber, do conhecimento, dos estudos e da ciência, atualmente é possível um consenso comum sobre a metodologia enquanto um grande conjunto de métodos. Todavia, por mais que a exposição dessas informações soe redundante, para

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.

iniciarmos essa apresentação de forma coerente é importante pensarmos e pontuarmos as devidas reflexões sobre o campo e os estudos pautadas na epistemologia correspondente, da qual tanto falamos.

Etimologicamente, a palavra, que é originada do grego, significa através de, a seguir, caminhos, estudos (RODRIGUES, 2011). Nessa direção, a priori, nos questionamos: por que nós, pessoas que percorreram trajetórias completamente diferentes, independente das suas formações acadêmicas serem as mesmas ou não - pois não somente elas são responsáveis pela composição do nosso saber - deveríamos seguir pelos mesmos caminhos? Movidas, primeiramente, por essa indagação passamos a nos questionar sobre a existência e a defesa da construção de outras práticas metodológicas e, posteriormente, foram suscitados questionamentos a respeito de outros fazeres, por exemplo, os critérios e as normas da prática etnográfica moderna e os princípios desse método, que, nas palavras de Malinowski (1978), contêm um determinado número de regras de bom senso e de princípios científicos bem definidos e por isso levarão aos resultados desejados sem esforço ou problemas.

Tanto no curso de Ciências Sociais, quanto no de Letras, nossas respectivas graduações, sempre nos incomodou bastante a forma como as imagens e outros estímulos sensoriais, ou até mesmo textuais, a respeito do próprio curso de letras, eram constantemente utilizados pelas inúmeras disciplinas inseridas nas grades curriculares apenas como suportes. Com isso, ainda que em períodos temporais diferentes, nos perguntávamos como atividades totalmente permeadas pelos seus potenciais artísticos, como a fotografia, a literatura e o audiovisual, tinham se transformado em um item qualquer dentro dessa fórmula engessada de ensino, reforçando uma pretensa autoridade.

Consequentemente, ao extrapolarmos a discussão para além do campo de estudos da Antropologia para analisá-la de modo geral na Educação notamos como a predominância de práticas opressoras cisheteronormativas, criadas para abarcar existências únicas, de seres brancos e/ou embranquecidos, estabelece movimentos de coerção e dominação tanto aos discentes quanto aos docentes. Diante dos métodos avaliativos, de ensinos ou até mesmo os de seleção, ainda que ambos os métodos estejam no plural, pouca diversidade se vê nas suas construções propriamente ditas, assim, impera-se uma lógica produtivista da educação, perpetuada para dar continuidade a um projeto colonial estabelecido na modernidade por meio do capitalismo. Na lógica educacional da modernidade capitalista, pessoas localizadas na zona urbana irão aprender por meio de formas semelhantes às das pessoas da zona rural, ainda que estas tenham repertórios internalizados de aprendizagem totalmente diferentes, essa mesma lógica é a que impera nas condições de não-existência das epistemologias academicistas.

Desse modo, aspectos como a análise do conhecimento e os fundamentos metodológicos que possibilitam essa investigação foram historicamente embasados por uma visão “única” do saber, o que, conseqüentemente, ocasiona tantas outras visões “únicas” sobre as suas abordagens e as suas características. Logo, algo pensado para auxiliar a formação profissional de estudantes e a difusão de conhecimento, por meio do desenvolvimento das suas habilidades de trabalho, acaba fundamentando uma proposta curricular eurocêntrica, racista, patriarcal e, sobretudo, universal.

Quando exercitamos o nosso entendimento sobre a existência de outras práticas de aprendizagem praticamos, também, o exercício de enxergarmos o quanto essas práticas podem interferir na formação da nossa identidade, de quem somos e de quem seremos futuramente. Por isso, é necessária a compreensão dessa prática curricular hegemônica como um estruturante disciplinador, de acordo com Veiga-Neto (2002, p. 171). Assim, identidades são estruturadas e disciplinadas através da perpetuação de uma ciência única, que exclui a pluralidade dos saberes e na tentativa de solucionar os problemas causados pelo seu próprio processo de exclusão, desenvolve procedimentos mais “inclusivos”, porém oriundos da mesma base excludente, como outras possibilidades de ensino e aprendizagem.

Libertar as práticas sociais do seu estatuto de resíduo, restituindo-lhes a sua temporalidade própria e, assim, a possibilidade de desenvolvimento autónomo. Uma vez libertada do tempo linear e entregue à sua temporalidade própria, a actividade do camponês africano ou asiático deixa de ser residual para ser contemporânea da actividade do agricultor hi-tech dos EUA ou do executivo do Banco Mundial. Do mesmo modo, a presença ou relevância dos antepassados em diferentes culturas deixa de ser uma manifestação anacrónica de primitivismo religioso ou de magia para se tornar uma outra forma de viver a contemporaneidade (SANTOS, 2002, p. 251).

Diante desse enfoque, buscamos entender, por meio da poesia e do cinema, a corporificação de outros modos para o fazer antropológico. Uma vez que há a encruzilhada entre duas pesquisas que partem do pressuposto de construir epistemologias contra-hegemônicas, discutiremos como os caminhos percorridos na fase do campo extrapolaram a etnografia tradicional, e por isso se constituíram enquanto reivindicação política e, também, enquanto espaços de contestação da produção de narrativas únicas.

## **2. VELHAS METODOLOGIAS NÃO FUNCIONAM MAIS**

Entramos na universidade na mesma década, nos anos de 2010 e 2016, para além dos efeitos provocados nas relações sociais com a disseminação da internet e das mídias digitais, a

nossa comunicação, a nossa organização coletiva e a forma como enxergamos o mundo, mais do que nunca, também estão em constantes e rápidas modificações. Nessa perspectiva, observações familiares são desafiadas ao passo que inúmeras indagações são acarretadas por meio desses fenômenos, que nos proporcionam, com mais facilidade, o encontro com a diversidade e com outras existências.

Conseqüentemente, conceitos, teorias e modelos difundidos ao longo do tempo como universais começaram a apresentar contradições ao passo que outras pessoas foram retomando os seus discursos e as suas narrativas. O legado antropológico foi consolidado com base em uma eterna construção de discurso inundada de estereótipos racistas, oriundos de expedições, viagens e quaisquer outro nome que possa ser dado às observações feitas por aqueles que constantemente criaram os “Outros” e os modos errôneos de ver o Outro, partindo do pressuposto da própria superioridade.

Na busca pelo verdadeiro espírito dos nativos e a verdadeira imagem da vida tribal (MALINOWSKI, 1978) o etnógrafo, este ser masculino, branco, cisgênero, heterossexual e membro da mais alta classe da burguesia europeia, propagou com afinco os seus métodos de análise e pesquisa enquanto únicos, superiores e, sobretudo, corretos. Métodos estes que além de invisibilizarem outras culturas e diferentes formas de organização social, só as reconheciam para inferiorizá-las.

Há outro fato que torna a discussão provocada nos tópicos anteriores ainda mais desafiadora. Enquanto pesquisadoras em formação, nossas inquietações começaram quando percebemos um movimento semelhante de rejeição às correntes da tradição epistemológica eurocêntrica em nossos colegas de graduação, de mestrado e doutorado, ou seja, aqueles que irão compor a futura geração de antropólogos.

Diante disso, há uma tensão presente na formação antropológica, conforme os alunos buscam um rompimento com antigas práticas, reinventando criativamente a etnografia, a maioria dos professores se mantém presos aos modelos hegemônicos e acabam por interromper bruscamente esse processo espontâneo de formação. A tensão se torna insuportável quando, ao irmos a campo, percebemos uma realidade muito distante da que nos foi apresentada pelos cânones. Evocamos os sentidos e as emoções para evidenciar que quando um de nós realiza etnografia, não sente, nem é tocado pelas mesmas coisas que os antropólogos movidos por epistemologias coloniais.

Felizmente, já é bem sabido na pesquisa social que a partir das fissuras e das tensões é que se constroem novos caminhos e possibilidades. Conseqüentemente, as inquietações expostas no presente trabalho nos impulsionam a questionar sobre como iremos estabelecer de

forma prática tais rupturas? Como devemos lidar com a contradição colonial arraigada na antropologia? Como podemos, metodologicamente, construir uma nova prática etnográfica? Por meio da nossa experiência, em duas pesquisas distintas, pretendemos evidenciar como essas perguntas conduziram reflexões e dinâmicas metodológicas que podem nos ajudar a respondê-las.

O primeiro ponto é sobre a imagem cuidadosamente lapidada em nosso imaginário a respeito do antropólogo solitário. Esse ser heroico que abdica da sua comunidade e família para pesquisar o Outro e valoriza a pesquisa antropológica enquanto atividade possível somente a partir de uma individualização do método. Logo, não há ciência social, uma vez que o pesquisador pretende se inserir em uma comunidade apenas para extrair os dados que lhe interessam e todo o processo de reflexão e construção da narrativa acontece de forma solitária, dentro de sua cabeça e dos seus diários.

Em contrapartida, o que vivenciamos é justamente o contrário. Dentro da periferia da periferia, onde não há condições mínimas de pesquisa e onde foi empreendido um projeto colonial de violência e extermínio, nossas pesquisas jamais poderiam ser outra coisa a não ser coletivas. Essa dimensão aparece desde a escolha dos objetos de pesquisa de ambas autoras, dado que estão intimamente ligados às suas trajetórias pessoais, até às inúmeras idas a campo, custeadas materialmente por uma rede de apoio coletiva. Assim, o próprio processo de escrita também não acontece de forma solitária, as reflexões produzidas são constantemente compartilhadas e reelaboradas em conjunto.

Herdamos configurações sociais cujo questionamento das suas latentes estruturas costuma ser constantemente silenciado. O racismo estrutural e institucional se faz presente diariamente e já que não há saída ou possibilidade de vivermos distante dessa redoma, a questionamos, ainda que estejamos inseridas dentro desse contexto social. Portanto, é necessária a compreensão da necessidade de defendermos a existência de novas práticas metodológicas enquanto um processo de retomada tanto de outros discursos quanto de outras identidades, para além da que vem prevalecendo durante todos esses anos enquanto protagonista de toda a nossa história.

Por outro lado, as narrativas que protagonizam nossas vivências etnográficas são aquelas produzidas por corpos marginalizados. Colocar no centro de nossas metodologias a nossa experiência subjetiva com o corpo, o sentido e as emoções, bem como aqueles que constroem conosco a materialidade ao redor, é uma das estratégias que nossa experiência em campo revelou. Desse modo, deixar que o objeto se manifeste em nós através do corpo não é um projeto utópico ou menos científico, afinal, "se pensa sempre com o corpo: o discurso que

alguém me faz sobre o mundo... constitui para mim um corpo-a-corpo com o mundo. O mundo me toca e eu sou tocado por ele" (ZUMTHOR, 2018. p. 71).

Consequentemente, a busca por uma metodologia da experiência na prática etnográfica nos leva a buscarmos outras fontes, ultrapassando o campo de concentração da Antropologia. Nossas pesquisas atravessaram os campos não só das ciências sociais, como também do teatro, da linguística e da literatura. Essa transdisciplinaridade é, muitas vezes, vista com maus olhos por antropólogos mais tradicionais. A situação é ainda mais grave para estes, quando propomos uma etnografia que também é arte.

O desassossego aqui deriva da passagem de uma fronteira, sempre presente e incômoda, porquanto pouco explicitada: a fronteira entre arte (imaginação, criatividade, ficção) e ciência (documentação dos dados, realidade, autenticidade). Como os antropólogos sabem muito bem, as fronteiras físicas, conceituais e disciplinares são espaços perigosos e cheios de armadilhas. Atravessar os confins é sempre uma empresa arriscada enquanto a construção de barreiras e muros gera fortalezas. A consolidação do paradigma disciplinar da antropologia (assim como de qualquer outra especialidade) depende de uma série de exclusões e escolhas, neste caso relegando à condição de 'arte' aqueles elementos que põem em questão os fundamentos da própria disciplina e daquelas práticas de pesquisas que se realizam à margem da ordem (CLIFFORD, 1993, p.135). A introdução da arte (e portanto o artifício) no coração da antropologia quebra desde logo a "dupla ilusão do observador neutral e do fenômeno social passível de ser observado e representado" (MORPHY e BANKS, 1997, p. 13), desestabilizando barreiras e, com estas, as certezas. E esta reação à flor da pele é o sintoma deste incômodo (PUSSETI, 2015. p. 223).

Portanto, para nós, a poesia e o cinema não são meros recursos validadores de uma realidade, tão pouco o simples registro de suporte do mundo. São práticas políticas e artísticas, fruto da produção de significados e transformação da realidade, e ao utilizá-las metodologicamente as inscrevemos enquanto elas também nos inscrevem. Dessa forma, um caminho possível, que para nós se mostrou enquanto mais uma possibilidade para o trabalho de campo, é não desvincular a etnografia de uma experiência artística.

Isso significa que ao propor a produção de sentidos, por meio de sinestésias, elas podem provocar uma catarse emocional e atravessar quem pesquisa, seus objetos e quem a lê. Com isso, somos levadas a ponderar sobre o horizonte técnico disponível para cientistas sociais em formação que, em uma perspectiva otimista, aprendem a manusear um gravador. Ora, a construção de uma etnografia que evoque os sentidos necessita de certas ferramentas, sejam elas um estilo de escrita mais poético, a realização de um filme, de um desenho, uma instalação, uma música ou qualquer outra linguagem que fuja aos padrões dos cânones, nós, futuras antropólogas, automaticamente estamos em desvantagem.

Por essas e outras contradições, diversas vezes em nossas experiências em campo fomos atravessadas pelo não-lugar. Não éramos antropólogas, nem artistas, éramos algo híbrido, situado entre essas duas categorias, mas ao mesmo tempo as extrapolávamos. Conseqüentemente, em vários momentos nos questionamos sobre como nomear a nossa produção: etnografia, arte, literatura, cinema? Esses espaços ocultos na pesquisa científica, muitas vezes são encobertos ou cinicamente ignorados, revelam tensões significativas e um terreno fértil para uma meta-antropologia. Inclusive, é bem provável que os elementos essenciais para a renovação da nossa disciplina estejam presentes nesses não-lugares. Afinal, para que fossem consolidados diversos mecanismos que poderiam compor o conceito de “pesquisa etnográfica”, houve um movimento que construiu barreiras, aparentemente bem definidas, para excluir outras possibilidades.

Obviamente, propor soluções efetivas para tentar suprir esse desfalque em nossa formação escapa à capacidade deste trabalho. Por outro lado, se um currículo que comporte disciplinas alternativas e aplique essas técnicas à etnografia é uma realidade distante, torna-se mais palpável começarmos a levar outras bibliografias para a sala de aula para discutirmos, efetivamente, sobre algumas dessas possibilidades. Além de incentivarmos a produção de etnografias transdisciplinares realizadas não por indivíduos, mas por grupos. Dessa forma, cientistas sociais não mais irão se disfarçar de cineastas ou poetas, embora nós definitivamente podemos também ser cineastas e poetas, é importante cultivarmos a alternativa de trabalhar coletivamente com essas profissionais e pesquisadoras.

## **2.1 POR QUE CINEMA E POESIA?**

O uso dos dados sensoriais apreendidos na montagem de uma narrativa não só etnográfica mas também cinematográfica e poética foi de extrema importância para complementar nossos projetos de pesquisa e dar densidade ao tipo de etnografia que acreditamos, uma vez que todos esses parâmetros são inesgotáveis de compreensão, ao passo que também atuam enquanto agentes imersivos da experiência. O objetivo de fazer com que a nossa experiência sensorial, transformada em vídeo e em poema etnográfico, estimule os sentidos de receptores provocando indagações sobre as determinadas temáticas, para que as próprias linguagens artísticas/etnográficas produzam reflexões.

Nesse sentido, o que apresentamos é a utilização do audiovisual e da poesia enquanto impulsionadores de reflexões antropológicas, seguindo, por exemplo, o viés artístico do cinema enquanto uma: “(...) linguagem que não afirma, não explica, não ensina, mas abre

possibilidades de questionamento e de interpretação, que convida à interrogação, circulando fora da academia para chegar à rua;” (PUSSETTI, 2015, p.237).

Além disso, outras indagações foram surgindo no decorrer do nosso processo de pesquisa. Enquanto pesquisadoras, nos propomos a etnografar o FASC, Festival de Artes de São Cristóvão, e as narrativas construídas através das performances poéticas realizadas em eventos urbanos, na cidade de Aracaju. Ambas as situações nos direcionam a uma investigação corporal realizada de forma mútua, investigamos corpos enquanto nossos próprios corpos também são investigados dentro desse processo.

Dito isto, presenciamos os eventos enquanto pesquisadoras mas também enquanto pessoas que sentem, se arrepiam e se emocionam. Conosco, outras milhares de pessoas experienciam sensações. Como poderíamos apreender os dados buscados e rearranjá-los em uma narrativa etnográfica apenas os descrevendo com palavras, em busca de uma descrição densa (GEERTZ, 1978)? Como conseguiríamos, também, representar a dimensão de eventos extraordinários em que as noções de tempo e espaço se esfacelam e dão lugar a acontecimentos que são marcados pela atividade simbólica, coexistindo múltiplas dimensões espaço-temporais, muitas vezes, em um único instante?

De diversas formas, encontramos as respostas para essas indagações na adesão do audiovisual e da poesia como metodologias. Nesse momento, é essencial para nós fazermos uma distinção. Não nos interessava usar o sistema imagem/som enquanto instrumento de validação da realidade, nem como mero assistente, tampouco as palavras, as quais ainda que não sejam chamadas de “poesias”, também poderiam ser poéticas na composição de textos etnográficos, enquanto suportes. Trata-se bem menos de perspectivas sobre os registros do real do que das produções de significados.

### **3. POR UMA METODOLOGIA DA EXPERIÊNCIA**

*"Esses nossos encontros não deveriam ser lugares de flagelar uns aos outros, de ofender uns aos outros, porque ofensa e flagelo já tem demais no mercado. A gente precisa criar oportunidades de fruição. Esse momento que nos junta aqui, achei tão boa essa promessa que essa conversa não acaba agora, que vai prosseguir no ano que vem a possibilidade de continuar a compartilhar visões. O próprio enunciado de alguma coisa que virá depois anima nosso sentido de viver. É a ideia de adiar o fim do mundo. Nós adiamos o*



*fim de cada mundo, a cada dia, exatamente criando um desejo de verdade de nos encontrarmos amanhã, no final do dia, no ano que vem."*

*Ailton Krenak (2020)*

O ato de criar novas metodologias também é sobre a criação de novos mundos, e diante do fracasso do atual modelo de sociedade imposto e vigente não deveríamos nos assustar ao pensarmos na possibilidade de criação de outros universos. Fomos ensinadas a temer por meio da repressão e do controle, porque é desse modo que o Estado relaciona-se com todas as classes para exercer controle político e ideológico (PEREIRA, 2008). Controle, este, infelizmente, perpetuado nas instituições tradicionais de ensino, não somente nas universidades, como nas escolas, de modo geral.

Logo, resgatar nossos próprios modos de agir e pensar trata-se do rompimento com uma das maiores formas de tutelas existentes, a epistemológica. A morte das nossas sabedorias ancestrais, o epistemicídio, é a perpetuação da cultura do outro, mas dessa vez este outro não é o Outro imposto enquanto único “outro” pelo ocidente, e talvez por isso ele é escrito com letra maiúscula, é o outro apontado por nós, a partir de nós enquanto referencial de diferença, pessoas originárias, negras, mulheres, pessoas LGBTQI+, pessoas que tiveram as suas histórias e as suas vidas medidas por uma única régua, a qual jamais abarcará todas as nossas múltiplas existências, ainda bem.

Desse modo, esperamos que as nossas práticas de trabalho dentro dos mais diversos campos sejam transformadas em descobertas, mas não em invasões de territórios que pesquisadores e estudiosos irão ousar nomear enquanto “seus”, mas no descobrimento de sensações e experiências nem sempre proporcionadas no/pelo ambiente acadêmico, como as de alegria, completude, coerência, diversão e brincadeira, para, inclusive, ressignificarmos palavras tão penosas, a respeito da própria noção colonial acarretada à palavra “descobrimento”.

Para que possamos dar continuidade às discussões aqui tensionadas, ressaltamos a importância de levá-las aos nossos cotidianos, para que outros currículos escolares, acadêmicos e outras formas de viver sejam possíveis. Assim, a diversidade metodológica deixará de ser uma pauta em questão e passará a ser uma consequência dos novos caminhos a serem percorridos.

## REFERÊNCIAS

- CARVALHO, Juciara; FRANCA, Evanilson. Pluralizando saberes: do tempo desencantado ao encantamento do currículo escolar. In: MORTARI, Cláudia; WITTMANN, Luisa Tombini(Org.). **Diálogos sensíveis: produção e circulação de saberes diversos**. Florianópolis: Rocha e Gráfica Editora, 2020. p. 147-164.
- GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. **A interpretação das culturas**, v. 1, p. 3-21, 1989.
- KRENAK, Ailton. **Do tempo**. In: Seminário Perspectivas Anticoloniais. Documento eletrônico. São Paulo, 2020. Disponível em: [https://pospsi.com.br/wp-content/uploads/2020/09/TEXTOS\\_38-ailton-krenak.pdf](https://pospsi.com.br/wp-content/uploads/2020/09/TEXTOS_38-ailton-krenak.pdf). Acesso em: 26 ago. 2020.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Editora Cobogó, 2020.
- MALINOWSKI, Bronislaw. Introdução: tema, método e objetivo desta pesquisa. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo, p. 17-34, 1978.
- PEREIRA, Potyara Amazoneida Pereira. **Política social: temas & questões**. Cortez, 2008.
- PUSSETTI, Chiara. Os frutos puros enlouquecem. Percursos de arte e antropologia. **Antropolítica: Revista Contemporânea de Antropologia**, v. 38, p. 221-243, 2015.
- RODRIGUES, Auro de Jesus. **Metodologia Científica**. 4. ed. Aracaju: Unit, 2011.
- SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2007.
- SANTOS, Boaventura de Souza; NUNES, João Arriscado; MENESES, Maria Paula. Opening up the Canon of knowledge and recognition of difference. In: SANTOS, Boaventura de Souza (ed.). **Another knowledge is possible: beyond Northern epistemologies**. London: Verso, 2007. p. XIX - LXII. (Reinventing Social Emancipation: Toward New Manifestos , v. 3).
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. In: **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 63, 2002. p. 237-280.
- \_\_\_\_\_. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. 3a. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- \_\_\_\_\_. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. 8a. ed. São Paulo: Cortez, 2000. Para um novo senso comum. A ciência, o direito e a política na transição paradigmática. v. 1.
- VEIGA NETO, Alfredo; FOUCAULT, Michael. De Geometrias, Currículo e Diferenças. In: **Educação e Sociedade**, Dossiê Diferenças. 2002.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura.** Ubu Editora LTDA-ME, 2018.